

O FUTURO DO FUTURO

O tempo daqui a 250 milhões de anos

Amásia fica perto do Polo Norte e tem mais neve. Aurica fica no Equador e promete calor

Pode não parecer, mas caminhamos para um único supercontinente — e a Humanidade sabe disso desde que Alfred Wegener confirmou, no início do século XX, a teoria da deriva continental, que tem por base o movimento das placas tectónicas. O que não se sabe ainda é a localização do território que vai juntar todos os continentes. E não se sabe que clima vai ter essa massa continental, dentro de 250 milhões de anos. É por esse futuro longínquo que investigadores dos EUA, Reino Unido e Portugal se aventuraram. No final, foram apresentadas previsões para dois supercontinentes na revista “Geochemistry, Geophysics, Geosystems”, da American Geophysical Union. Não há recomendações para o uso de guarda-chuva, mas as revelações não deixam de ser auspiciosas.

“Em ambos os cenários, o planeta mantém-se habitável”, refere João Duarte, professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, investigador do Instituto D. Luís, e um dos participantes na investigação.

O estudo liderado por Michael Way, da NASA, durou dois

anos. Os investigadores tomaram como ponto de partida um cenário com o supercontinente Amásia, junto ao Polo Norte; e um cenário alternativo que prevê a formação do supercontinente Aurica sobre o Equador. Definidos estes cenários, seguiram-se simulações em supercomputadores da NASA que têm em conta ventos, proximidade do mar, dimensão do Sol ou localização do Sistema Solar dentro de 250 milhões de anos. Com estas simulações, foi possível prever um aumento da temperatura média de 3 a 7 graus centígrados face à atualidade. No caso de Aurica, prevê-se uma superfície de neve e gelo inferior a 1,5% (atualmente são 9%). Por estar mais próximo do Polo Norte, Amásia apresenta um aumento de 5% a 10% da superfície de gelo e neve, superando os 9% da atualidade. A temperatura média de Amásia deverá ser 0,3 a 3,5 graus centígrados superior à de Aurica.

A probabilidade de encontrar humanos com planos para os próximos 250 milhões de anos é diminuta, mas João Duarte recorda que o projeto pode ser útil para o estudo dos exoplanetas conhecidos, que não podem ser “fotografados”, mas permitem obter dados da atmosfera local e eventualmente deduzir se há ou não vida. E quando chegar a análise dos dados, convém ter em conta os movimentos das placas tectónicas que, há 350 milhões de anos, levaram à formação de continentes depois da desintegração de um único (Pangeia). “Se um extraterrestre recolher dados da Terra a partir do seu planeta, provavelmente recolhe informação do tempo de Pangeia, devido à distância (e o tempo que os dados demoram a “viajar” entre planetas). E o mesmo acontece com os dados que recolhemos dos exoplanetas”, conclui João Duarte.

HUGO SÉNECA

sociedade@expresso.impresa.pt